

**ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA: DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA ÀS EXPERIÊNCIAS
PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
MANAUS/AM**

Ananda Larise Colares Menezes

Acadêmica do 8º período do curso de
Licenciatura em Biologia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: alcm.bio@uea.edu.br

Paulo Henrique Medeiros Guerreiro

Acadêmico do 5º período do curso de
Educação Física da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: medeirosphg@gmail.com

Yasmin Samara Trindade dos Santos

Acadêmica do 6º período do curso de
Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: ystds.geo20@uea.edu.br

Maria do Perpetuo Socorro Sotero da Silva

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: mariaperpetuo.sotero@semed.manaus.am.gov.br

Maria Quitéria Afonso Menezes

Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora do Projeto Assistência à Docência/PAD.
Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA.

E-mail: maria.quiteria@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO: O projeto Assistência à Docência (AD) proporciona a alunos dos cursos de licenciatura e pedagogia vastas experiências em prática pedagógica; relacionado ao projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS), o projeto é uma referência na qualificação de professores em formação inicial. O presente trabalho visa partilhar vivências em sala de aula em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Manaus. Relata as trajetórias de três universitários no processo de ingressar na faculdade através dos processos seletivos e a forma que cada um adentrou no projeto AD, as experiências dos assistentes em sala, as atividades realizadas e a forma que foi apresentada para os alunos. E, por fim, compartilha a visão dos assistentes sobre esse projeto. O relato apoia-se em autores pertinentes à temática de formação e processo de ensino aprendizagem, tais como Freire, Tardif, Wanzeler e Soares.

Palavras-chave: Assistência. Prática pedagógica. Experiências.

ABSTRACT: The Teaching Assistance (AD) project provides undergraduate and pedagogy students with vast experiences in pedagogical practice, related to the In-Service Training Workshop (OFS) project, the project is a reference in the

qualification of teachers in initial training. This work aims to share experiences in the classroom in a public school in the city of Manaus. It reports the trajectories of three university students in the process of entering college through the selection processes and the way in which each one entered the AD project, the experiences of the assistants in the classroom, the activities carried out and the way it was presented to the students. And finally, it shares the assistants' vision of this project. The report is supported by authors relevant to the theme of training and the teaching-learning process, such as Freire, Tardif, Wanzeler and Soares.

Keywords: Assistance. Pedagogical practice. Experiences.

INTRODUÇÃO

O projeto Assistência à Docência (AD) é um dos poucos projetos que nos proporcionam plena qualificação profissional no exercício da docência. Tendo como marca registrada o amplo exercício da prática pedagógica, o projeto é um marco na qualificação de alunos dos cursos de licenciaturas e pedagogia, professores em formação inicial.

Interligado ao projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS), um projeto de formação de base teórico vivencial, a Assistência à Docência aproxima-se da escola que, segundo Wanzeler (2014), é o lugar legítimo de formação de professores e configura-se como um laboratório vivo para se explorar epistemologicamente as condições de produção de conhecimento.

O objetivo deste relato é compartilhar experiências vividas em sala de aula em uma escola municipal de Manaus/AM. O trabalho apresenta também uma breve narração das trajetórias acadêmicas de três universitários e mostra suas impressões sobre o projeto Assistência à Docência (AD).

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS: DO VESTIBULAR AO LEPETE

Contar nossas trajetórias nos permite compartilhar com nossos colegas as lutas e vitórias que nos permitiram chegar até onde estamos, assim como nos possibilita conhecer um pouco de cada pessoa que nos rodeia e que trabalha ou estuda conosco. As trajetórias aqui narradas são de três Assistentes à Docência (AD) integrantes do Projeto de Assistência à Docência, que é um dos projetos desenvolvidos pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), desde o vestibular até o ingresso no projeto.

Ananda Menezes

Eu, assistente à docência, Ananda Menezes, prestei vestibular para a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) no ano de 2014, após quase dois anos

de estudo autodidata, apenas com o auxílio de antigos livros do ensino médio e vídeo aulas, ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, no turno noturno.

O primeiro ano de faculdade foi o mais difícil em termos financeiros e tive que procurar estágios que me proporcionassem uma renda e que ao mesmo tempo me permitissem continuar na universidade, foi quando um colega de curso me avisou das inscrições para o programa de Apoio Acadêmico oferecido pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX) da universidade.

E através do programa de Apoio Acadêmico conheci o projeto Assistência à Docência, um projeto vinculado à UEA e à Secretaria Municipal de Educação (SEMED), no qual ingressei no ano de 2016. No segundo ano de faculdade me dividi entre fazer meus trabalhos e atividades do curso no turno matutino, frequentar as formações e escolas do projeto assistente à docência no turno vespertino e frequentar as aulas da faculdade no turno noturno. Nessa época o projeto ainda não tinha um espaço físico dentro da universidade como o atual laboratório e nem havia transporte disponível para levar os assistentes até as escolas.

Após o término da bolsa de apoio acadêmico me foi oferecida outras bolsas de estágio, o que possibilitou minha permanência no projeto. Deste modo, pude observar diversas fases do projeto, como a criação da brinquedoteca e laboratório, o surgimento do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, que oferece formação continuada em serviço, não apenas para os professores da secretaria municipal, mas também para alunos egressos das universidades. E, finalmente, transporte, que nos permitiu chegarmos em tempo hábil aos nossos compromissos com as escolas e a universidade.

Yasmin Santos

Eu, assistente à docência Yasmin Santos, conheci o projeto através da minha irmã que já participou e logo me encantei ao ouvir as experiências que ela contava, como era bom vivenciar isso. No início de 2020, ingressei na UEA, e logo quando abriu processo seletivo me inscrevi para participar desse projeto. Em seguida veio a pandemia e acabei esquecendo que havia me inscrito, com o decorrer de tudo fiquei desanimada com a faculdade, pois não estava conseguindo ter foco no modo de aula online.

Por sorte, fui chamada para participar do projeto AD, fiz a entrevista, fui aceita para participar do projeto, e foi algo que veio em ótimo momento na minha vida, pois consegui ter ânimo novamente para tentar focar nos estudos, vi que tinha sentido em meus estudos e como é encantador poder vivenciar essa profissão.

Paulo Guerreiro

Eu, assistente à docência Paulo Guerreiro, já estava no terceiro ano do ensino médio, e ainda não sabia qual curso escolher para o vestibular. Pretendia cursar engenharia elétrica, mas não tinha nota para passar e nem dinheiro para pagar uma faculdade particular. Então, pedi conselho para minha família, e eles orientaram com exemplos de pessoas que optaram por fazer um curso, que não queriam inicialmente, mas depois de formados, já trabalhando, poderiam fazer o curso que almejam no início.

E assim optei por fazer Licenciatura em Educação Física, por conta de gostar da disciplina durante a educação básica e pela vivência no esporte natação. No ano de 2016 eu obtive aprovação na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Durante o primeiro semestre da graduação foi um tanto quanto difícil, pois a UFAM estava se recuperando de uma greve. Mas a partir do segundo semestre participei do projeto de extensão intitulado “Esporte Recreativo e Qualidade de Vida para Crianças e Jovens”, onde obtive minha primeira experiência como estagiário e foi aumentando minha admiração pelo curso. Conheci o projeto Assistência à Docência devido a parceria da SEMED com a UEA, e ingressei no mês de outubro do ano de 2021.

ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA EM AÇÃO: EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA

As experiências aqui relatadas ocorreram no dia 11 de agosto de 2021 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Mauro Fancello, que está localizada na Rua Raquel de Souza, nº 17, no bairro Petrópolis, área urbana de Manaus. A escola recebe esse nome em homenagem ao pároco que construiu o prédio junto com a comunidade.

Ainda como Projeto alternativo de Educação da Comunidade de São Francisco a escola foi implementada em 1989 por uma equipe de moradores preocupados com as questões econômicas, sociais e educacionais das famílias que residem nas áreas periféricas próximas da escola. No ano de 1994 foi celebrado o convênio do projeto com a SEMED e a escola passou, então, a desenvolver uma educação formal de acordo com as orientações da secretaria.

As experiências ocorreram em duas turmas diferentes, ambas do ensino fundamental anos iniciais, etapa da educação atendida pela escola. A primeira experiência foi no 5ª ano B da professora Diana Lima de Souza e a segunda experiência foi no 1ª ano E da professora Marlene dos Santos Medeiros.

Os alunos da turma do 5º ano B estavam na faixa etária dos 10 aos 11 anos de idade e devido a rotatividade presencial na escola contamos com a presença de apenas 13 estudantes. Essa modalidade foi adotada pela SEMED devido ao retorno presencial das aulas em tempos de pandemia do Covid-19. A distribuição dos alunos na sala era em fileiras com distanciamento entre as cadeiras ocupadas. Todos usavam máscaras e copiavam a atividade deixada na lousa pela professora.

A atividade deixada na lousa para o 5º ano B era um assunto de matemática sobre números romanos e consistia em descrever a representação dos números naturais em números romanos e vice-versa, além de algumas questões de multiplicação. Outra atividade estava sendo desenvolvida por dois alunos, ainda na disciplina de matemática, eles resolviam apenas questões de adição e as equações foram escritas no caderno desses alunos pela professora da turma.

Deixamos os alunos copiar a atividade e demos um tempo para que eles tentassem resolver as questões sozinhos, visto que a professora já tinha explicado o conteúdo e a atividade. Para evitar que os alunos ficassem levantando da carteira, íamos até eles quando estes pediam ajuda. Deste modo, pudemos anotar as questões que a maioria dos alunos considerava as mais difíceis e os ajudamos a respondê-las explicando na lousa.

Quando a maioria dos alunos já tinha terminado a atividade e com a maioria das questões respondidas, dispomos um tempo para que cada aluno fosse à lousa responder uma questão. Também pedimos para que os alunos com atividade diferenciada escolhessem uma questão e respondessem na lousa. Deste modo, todos os alunos participaram do processo de correção das questões.

Farias e Dias (2020, p. 28) relatam que muitas crianças concluem a primeira fase do ensino fundamental “com dificuldades conceituais fundamentais pertinentes às quatro operações básicas e ao sistema de operação decimal, se essas dificuldades persistirem esses alunos terão dificuldades na aprendizagem de outros conteúdos matemáticos”.

Referindo-se à turma do 1º ano E, estavam presentes 8 alunos, que estão na faixa etária de 06 a 07 anos de idade, observamos neste dia que a maior parte da turma era composta de meninas. A sala era bem espaçosa e nas paredes havia o alfabeto e as vogais para que os alunos conseguissem diferenciar, assim como números para que eles os reconhecessem. As mesas estavam arrumadas em duas fileiras, uma de frente para outra, onde havia um distanciamento entre os alunos e com isso conseguimos perceber que a sala era um lugar bem agradável e aconchegante para as crianças.

Em relação às atividades que a professora do 1º ano E deixou, uma delas consistia em reconhecer a letra “F” e iniciamos explicando essa atividade, que estava em folha de papel ofício e colamos nos cadernos. Os alunos deveriam cobrir a letra e repeti-la ao lado, para esclarecimento de dúvidas reproduzimos a letra na lousa e assim os alunos conseguiram entender o que deveria ser feito.

Ao término da explicação fomos chamados para um evento na quadra com a participação dos “Garis da Alegria”, onde os alunos assistiram uma apresentação que falava sobre o lixo e onde devemos jogar sem prejudicar o meio ambiente. Ao retornarmos para a sala os alunos continuaram a fazer a atividade. Foi quando percebemos a dificuldade dos alunos em fazer a letra cursiva e observamos que eles possuem mais facilidade em escrever a letra de bastão.

De acordo com a Magda Soares (2004) saber escrever a letra bonita não faz parte da alfabetização que no caso é chamada de letramento e que ambos são diferentes, o processo de alfabetização sofre com a marca da discriminação, com isso a escola valoriza a língua escrita e censura a língua oral espontânea que se afaste da língua ‘cultura’, e que não adianta a criança ter a escrita bonita e não saber ler ou interpretar o que ela está lendo.

Este fato é considerado um fracasso muito grande na alfabetização, pois os alunos passam por longos processos de escolarização e não conseguem interpretar um texto ao chegar nos vestibulares, e ocorre um “fracasso escolar” em que outrora se manifestava em altos índices de reprovação e repetência na etapa inicial do ensino fundamental. A alfabetização caracterizava-se, ao contrário, por sua excessiva especificidade, entendendo-se por “excessiva especificidade” a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens e comportamentos na área da leitura e da escrita, ou seja, a exclusividade atribuída a apenas uma das facetas da aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2004).

Quando os alunos terminaram a atividade referente à letra “F”, fomos para o meio da sala, fizemos uma roda e iniciamos a leitura de um livro que tinha por objetivo imitar os sons dos animais. No decorrer da leitura fomos imitando os sons, ficamos todos atentos, pois eles precisavam identificar os sons que cada animal deveria reproduzir. Os animais imitados foram: vaca, lobo, coelho, ovelha, cachorro, gato e cavalo. Ao final da leitura fizemos perguntas sobre o livro e com isso cada criança foi falando qual era seu animal favorito e imitava o som que o representava.

Nos anos posteriores eles irão estudar figuras de linguagens, dentre elas a onomatopeia, que consiste em reproduzir fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, como os sons de animais e objetos, representando um som específico (RIGONATTO, 2021). Concluindo a leitura, foram liberados para brincar com os brinquedos que a professora disponibilizou, fizemos novamente a roda e eles foram montar quebra cabeças, brincar de jogo da memória e outros brinquedos.

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES: UMA VISÃO DO ASSISTENTE À DOCÊNCIA

O projeto Assistência à Docência (AD) é certamente um ponto alto na qualificação profissional de todo professor em formação inicial, e quem tem o privilégio de participar desse projeto provavelmente abraçará a profissão de Professor, ou, possivelmente entenderá que não está apto para tal profissão.

A assistência à docência é vinculada ao Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS) e garante o pleno desenvolvimento da OFS nas escolas, sem prejuízo à carga horária dos alunos que, na ausência do professor titular, continua cumprindo as atividades escolares com o auxílio dos assistentes à docência (WANZELER, 2014).

Podemos dizer, portanto, que das diversas atividades que o projeto nos proporciona, a prática docente é possivelmente uma das mais significativas. E quando falamos em prática docente, estamos enfatizando que realmente frequentamos a sala de aula, que convivemos com alunos dos diversos níveis escolares da educação básica e procuramos entender suas dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

Tardif (2000) afirma que os saberes profissionais dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo, nesse sentido, os primeiros anos de prática profissional tendem a ser decisivos na sua estruturação, na aquisição do sentimento de competência e estabelecimento de rotina de trabalho. Além disso, os saberes profissionais dos professores são variados e heterogêneos e estão a serviço da ação, isso porque os professores, no trabalho, procuram atingir diversos objetivos que nem sempre exigem o mesmo tipo de conhecimento, de competência ou de aptidão.

Em nossas jornadas pelas escolas que participam do projeto OFS nos deparamos com a necessidade de alcançar diversos objetivos, além dos objetivos cognitivos ligados à aprendizagem de determinada matéria ou atividade deixada pelo professor. Nos deparamos em tentar alcançar objetivos como: organizar o grupo de alunos, motivá-los, levá-los e se interessar pelo assunto e se concentrar na tarefa, dar atenção particular aos alunos com mais dificuldades, acompanhar a evolução da atividade etc. Tardif (2000) observa que os trabalhos na sala de aula, na presença dos alunos, exigem do professor uma variedade de habilidades ou de competências.

Em muitos casos, os cursos de licenciatura contemplam poucas horas dedicadas às práticas pedagógicas, mesmo em suas disciplinas de estágio supervisionado, a prática, em ação nas escolas, não é satisfatória. Nossa formação universitária nos ensina a separar os objetos do seu contexto e as disciplinas umas das outras, o que dificulta relacioná-las.

Segundo Morin (2007) essa separação e fragmentação das disciplinas nos tornam incapazes de captar “o que está tecido em conjunto”, isto é, o complexo. E os espíritos parcelados tornam-se cegos às inter-retroações e a causalidade em circuito, consideram os fenômenos vivos e sociais a partir de uma causalidade linear e possuem concepções mecanicistas e deterministas.

Outro ponto significativo do projeto assistente à docência é a proposta interdisciplinar que o projeto traz consigo, na prática, isso se configura na troca de saberes entre as diversas licenciaturas. Fazenda (2008) discute definições interessantes sobre o conceito de interdisciplinaridade e discute que a interdisciplinaridade escolar não pode ser confundida com interdisciplinaridade científica, pois na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, as noções, habilidades e técnicas visam, sobretudo, favorecer o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos, assim como sua integração. Já a interdisciplinaridade científica tem como alicerce o cerne do conhecimento científico na formação de professores, a estruturação hierárquica das disciplinas, sua organização, dinâmica, mobilidade conceitual e a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizadas.

Nossas reuniões, que ocorriam uma vez por semana, eram os momentos propícios para que nós, assistentes à docência de diversos cursos de licenciaturas e do curso de pedagogia, pudéssemos compartilhar nossos saberes, nossas experiências, nossas dúvidas e, com o auxílio das coordenadoras do projeto, planejássemos um curso de ação e intervenção pedagógica para sala de aula.

Por diversas vezes, como resultado de algumas reuniões, nos deparamos com a necessidade de nos aprofundar em determinados assuntos, que posteriormente iriam nos auxiliar em nossas práticas em sala de aula. E aqui nos deparamos com outro ponto significativo do projeto AD, as formações.

Segundo Freire (2015) quando nos tornamos conscientes de que somos seres inacabados, podemos ir além dele e percebemos que a construção de nossa presença no mundo não se faz no isolamento, inseto da influência das forças sociais. E que apesar do surgimento de barreiras de difícil superação, que dificultam nossa tarefa histórica de mudar o mundo, como as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, ideológicas e culturais, não se eternizam.

As formações geralmente ocorriam para nos auxiliar em alguma dificuldade que surgia em meio à nossa prática em sala, dificuldades que muitas vezes impediam de dar continuidades às nossas atividades. Deste modo, participamos de formações sobre alfabetização e letramento, psicomotricidade, canto, construção de fábulas, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), geometria para ensino fundamental, desenho geométrico, dentre outras.

Muitos desses encontros formativos discutiam temas que jamais veríamos em nossas disciplinas específicas, mas que contribuíram para nosso desenvolvimento como professor. E, nesse sentido, em sala de aula pudemos compreender melhor as dificuldades dos alunos e suas possíveis causas, auxiliá-los em suas dificuldades e minimizá-las em seus processos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os futuros professores constroem sua profissão a partir da prática de ensino. É de fundamental importância que eles tenham contato com os alunos em seu espaço escolar para poder diagnosticar e minimizar possíveis problemas no ensino, desde a sua formação e, portanto, a inserção na graduação de projetos que viabilizem esse tipo de experiência. Desse modo, conseguimos observar as formas como cada um ingressou na faculdade e como conheceu esse projeto.

Foi possível observar a experiência vivida por cada AD, e acompanhar o trabalho de cada um, com isso conseguindo verificar as dificuldades dos alunos dentro de sala de aula e como os autores das áreas de diversas licenciaturas avaliam a forma de aprendizagem dos alunos. Os objetivos propostos durante as experiências foram cumpridos, e estabeleceu-se diversos parâmetros que direcionam a concordância da continuidade da manutenção das ações e através de reuniões e formações foi possível sanar dificuldades que os professores em formação inicial pudessem ter durante a prática de sala. O acompanhamento com o aluno, tanto na parte da evolução de suas atividades quanto aos aspectos relacionados às dificuldades, possibilitou apontamentos de como os professores devem se planejar, executar e refletir sobre suas práticas, considerando o contexto escolar no qual estão imersos.

Os movimentos empreendidos permitiram desenvolver as ações em consonância com uma proposta maior, o que qualifica ainda mais as discussões ao longo do projeto, visto que todo o grupo está envolvido e debatendo as mesmas frentes de trabalho como: dificuldades, motivação, concentração, aspectos cognitivos e a individualidade de cada aluno, assim como a importância de se trabalhar a interdisciplinaridade visando favorecer o processo de aprendizagem. Por fim, destacamos as perspectivas dos AD sobre esse projeto perante as reuniões e conversas que aconteciam, e com isso as trocas de experiências entre eles permitindo novos saberes e contribuindo para a formação de futuros professores.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Vanderley. Ferreira; DIAS, Angélica; Karlla Marques. O Processo Ensino e Aprendizagem das Quatro Operações Básicas no Ensino Fundamental II. *In*: WANZELER, Eglê Portela; MENEZES, Maria Quitéria Afonso. (orgs.). **Formação de Professores e professoras**: lugares, saberes e subjetividades. Manaus: Editora UEA, 2020.

FAZENDA, Ivani. Catarina. Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE** - Campus de Foz do Iguaçu v. 10, n. 1, 1º semestre de 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria de Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (orgs.). **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

RIGONATTO, Mariana. “**Onomatopeia**”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/onomatopeia.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Nº 25. Jan /Fev /Mar /Abr 2004.

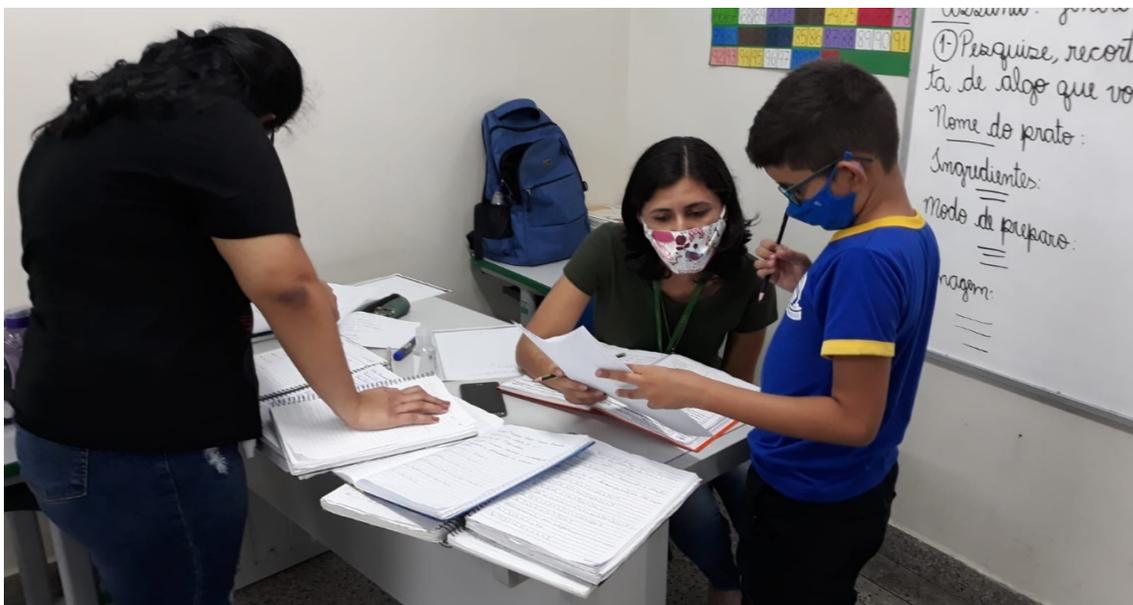
TARDIF, Maurice. **Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação do magistério**. Universidade de Laval/PUC Rio, 2000.

WANZELER, Eglê Betânia Portela e MENEZES, Maria Quitéria Afonso (orgs.). **Formação de professores e professoras**: lugares, saberes e subjetividades. Manaus: Editora UEA, 2020.

WANZELER, Eglê Betânia Portela. **Oficinas de formação em serviço**: uma experiência transdisciplinar em formação de professores. Eglê Betânia Portela Wanzeler; Euzeni Araújo Trajano (orgs.). Manaus: Editora Valer, 2014.

ANEXOS

Figura 1 - Momento da Assistência à Docência em sala de aula da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Momento da Assistência à Docência em sala de aula da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Figura Momento da Assistência à Docência em sala de aula da Escola Municipal Padre Mauro Fancello



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.